

# Lugar de paciente é em casa

*Hospital público de Sobradinho cuida de 168 pessoas por atendimento domiciliar. Famílias recebem orientação de médicos*

Cristina Ávila  
Da equipe do **Correio**

**O**s quartos de hospital são frios, impessoais. Inspiram até náuseas e medo. Solidão, abandono. Apesar do vaivém de gente. Mesmo que homens e mulheres de branco se esforcem em agradar, para manter a calma e o bom humor, o paciente impacienta-se. E ocupa uma cama que alguém, mais deprimido ainda, espera na fila do lado de fora.

A visita médica em casa é comum — a exemplo do programa Saúde da Família —, mas a hospitalização em domicílio é mais rara. Em Sobradinho, o Hospital Regional da cidade oferece esse tipo de serviço médico. Desde 1993, leva equipamentos para a casa dos doentes, treina a família e atende pacientes como

se estivessem internados.

José Barbosa dos Santos, 55, é um desses beneficiados. Passa o dia em uma cama de hospital, na varanda cheia de plantas em sua casa, ouvindo notícias do rádio. Tem dificuldade para falar. Mas ouve e é muito lúcido. Há seis anos fez uma cirurgia no cérebro para retirada de um tumor. Nunca mais pôde andar. E alimenta-se somente através de sonda.

"O meu pai tem dores de cabeça fortíssimas, só dorme com sedativos. Eu não tinha dinheiro para comprar remédios. Passamos muito desespero vendendo-o gemer de dor", conta o filho Josimar Alves Barbosa, 30. Com o salário de soldado do Corpo de Bombeiros, ele passou a sustentar o pai, a mãe, uma irmã de 22 anos e um tio deficiente, de 56, quando o pai ficou doente.

A família mudou-se para

Sobradinho, onde Josimar já morava, pagando aluguel. E vendeu a casa e uma frutaria em Figueirópolis, Tocantins, para pagar a operação. A mãe e os filhos chegaram a se desentender por causa das dificuldades.

"Mas conseguimos a união por causa da criação e da religião", conta Maria do Socorro, 50, mulher de José. Mas não é só isso. O bom humor do pai Barbosa é essencial para manter a família unida.

O pai que sempre foi voltado à mulher e aos filhos agora recebe deles a dedicação que precisa para sobreviver. A atenção diária na limpeza, na alimentação, nebulização, nas massagens que precisa no corpo inteiro, para evitar problemas de circulação. Toda hora alguém precisa ajeitá-lo na cama, para evitar que se formem

feridas provocadas pelo contato com o colchão, conhecidas como escaras.

A equipe médica do HRS ensina os familiares a tratarem José Barbosa. O hospital cedeu ao paciente a cadeira de rodas higiênica que ajuda o banho e a

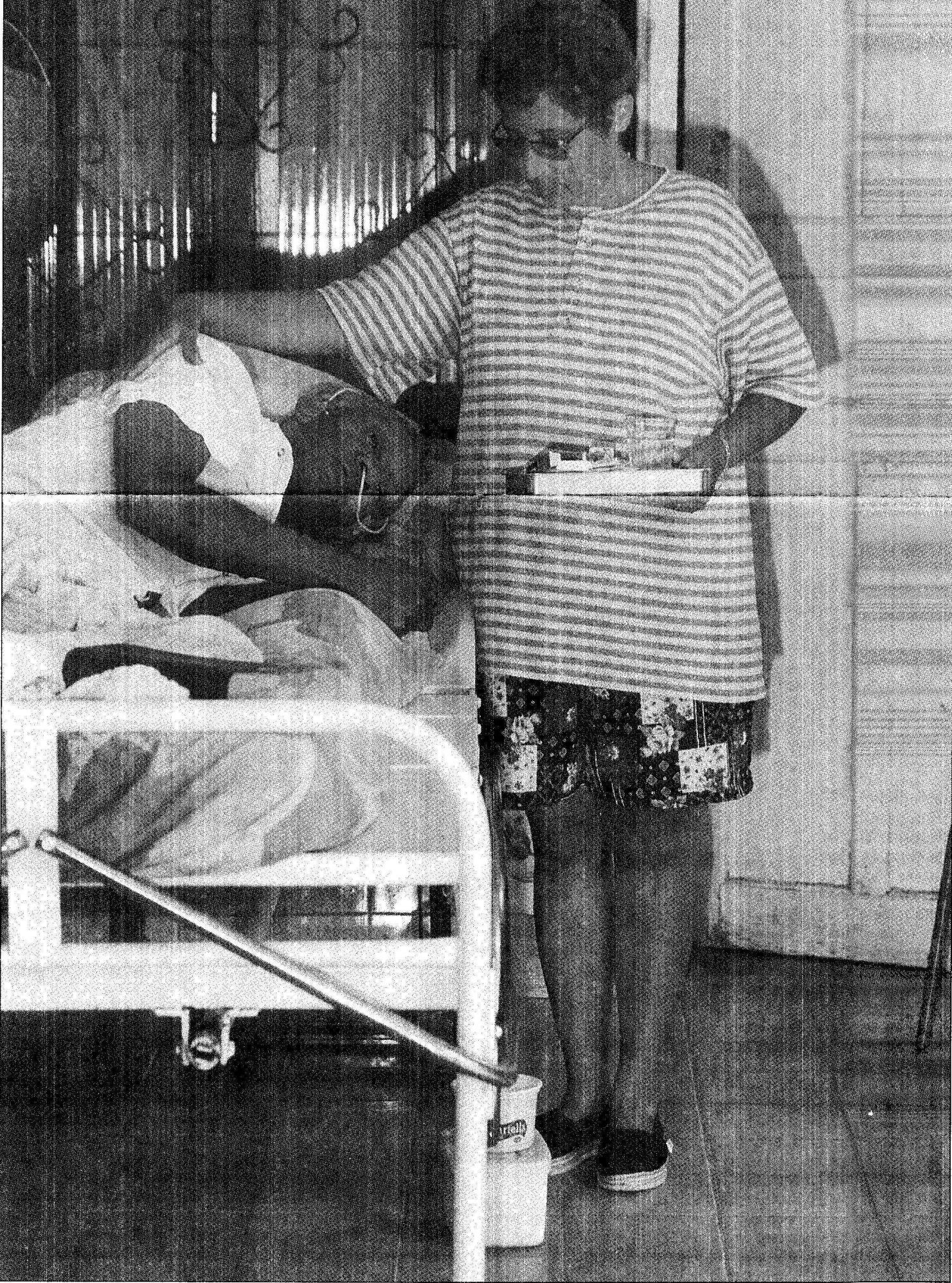
Além de incentivar a participação da comunidade, o serviço de atendimento domiciliar traz lições para a equipe médica. "Aprendemos a ver além do estetoscópio", relata um dos fundadores do Samed, o médico Walter Gaia. Um bom exemplo dessa visão é o relacionamento entre a enfermeira Gildecy Barbosa, 45, e a jovem Tatiana da Silva Franca, de 18 anos. A garota sofre de hidrocefalia.

"Sou apaixonada pelo Leonardo, o cantor. E por um menino, mas é segredo. Meu e da (enfermeira) Gildecy", conta Tatiana, sentada em sua cama, que tem o colchão d'água emprestado pelo Samed, para evitar que suas escaras aumentem. Ela brinca de bonecas com uma prima de seis anos, mas só conta os segredinhos de adolescente para a enfermeira. A sua melhor amiga.

## SERVIÇO

*Voluntários ao trabalho e doações de equipamentos e instrumentos médico-hospitalares para o Serviço de Assistência Multiprofissional em Domicílio, podem ser oferecidos por meio do telefone 591 8264*

Jorge Cardoso



*Com ajuda dos filhos, Maria do Socorro cuida do marido, José Barbosa, na casa da família em Sobradinho: cama e remédios cedidos pelo HRS*